



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O BEM MORRER CRISTÃO NO SÉCULO XVII: UM ESTUDO DO BREVE
APARELHO (1627), DE ESTEVAM DE CASTRO

Maykon Paulo da Silva
Orientador: Prof. Francisco José Alves

São Cristóvão – Se
2018.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PRÁTICA DE PESQUISA

O BEM MORRER CRISTÃO NO SÉCULO XVII: UM ESTUDO DO BREVE
APARELHO (1627), DE ESTEVAM DE CASTRO

Maykon Paulo da Silva
Orientador: Prof. Francisco José Alves

Artigo apresentado para avaliação da
disciplina Prática de Pesquisa,
ministrada pelo professor Francisco
José Alves, no período 2018.1

São Cristóvão – Se
2018.1

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não chegaria ao seu fim sem a ajuda de algumas pessoas, e a elas cabe agradecer.

A minha irmã, Naédja da Silva, meu espelho desde quando ainda estava no ensino fundamental. Pois sem a sua ajuda nada disso seria possível.

A minha família, pelo apoio desde quando fazer um curso superior era um sonho distante, e por toda ajuda que me vem dando ao longo desses anos longe de casa.

Ao meu amigo Rogério Santana, pela paciência ao me ouvir falar sobre a morte e a sua beleza. Agradeço também pelo incentivo e força nos tempos de crise existencial e financeira.

A Clara Guimaraes, por sempre me acalmar nas horas difíceis e me apoiar mesmo inconscientemente.

Ao professor Francisco José Alves, por toda paciência e dedicação que teve comigo no desenrolar dessa pesquisa. Pelas dicas de leitura e de escrita, essenciais na feitura deste artigo. Posso dizer que sem a sua ajuda, a pesquisa não tomaria forma e seria apenas uma vaga “ideia”, como tantas outras que não saíram do mundo das ideias. A você, minha imensa gratidão.

Sem essas pessoas essa pesquisa não chegaria ao fim.

O bem morrer de um cristão no século XVII: Exame do Breve Aparelho de Estevam de Castro

Maykon Paulo da Silva

Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: maykouzumak@gmail.com

Orientador: Francisco José Alves

RESUMO

Este artigo aborda a arte de bem morrer cristã no século XVII. A pesquisa toma como matéria prima **Breve Aparelho**, publicada no ano de 1627, e de autoria do padre Estevam de Castro. No tratamento dos dados foi adotada a “leitura indiciária” proposta e praticada por Carlo Ginzburg (2011). Na abordagem utilizou-se o conceito de representação formulado por Roger Chartier (1988). O aporte efetuado mostrou que: a realização da confissão e a elaboração do testamento são as práticas primordiais para o bem morrer de um cristão naquele século; são fundamentais no teatro do morrer alguns personagens, além do moribundo, o sacerdote, os assistentes, deus, o diabo, a virgem Maria, os anjos e os santos; a recitação das orações constituem componente indispensáveis na passagem do cristão para a eternidade. Os resultados obtidos, nos leva a concluir que a visão de morte evidenciada na obra enquadra-se naquilo que Phillipe Ariès (2003) denominou “morte domada”.

Palavras chaves: Morte cristã – Século XVII – Céu – Inferno.

ABSTRACT

This article discusses the art well daying cristtian in the XVII century. The research takes as raw material the **Breve Aparelho**, published in the 1627 by priest Estevam de Castro. The methodology used to formulate the data was the “index Reading” proposed e practiced by Carlo Ginzburg (2011). In the approach was used the concepto of representation formulated by Roger Chartier (1990). The contribution made showed that the realization of the confession and preparation of a will is a primordial practice for the good of a christian to die in that century; are fundamental in the text of dying some characters, bisides the miserable, the

priest, the assistants, God, the devil, the virgin Mary, the angels and saints; the recitation of prayers constitute the indispensable component recitation in the passage of the Christian to eternity. The results obtained, leads us to conclude the vision of death is embedded in what Philippe Ariès (2003) called “tamed death”.

Keywords: Christian death – Century XVII – Heaven – Hell.

1- INTRODUÇÃO:

Este artigo tem como objeto uma arte de morrer do século XVII.

Embora a morte humana seja um fenômeno natural, diferentes sociedades e diferentes culturas a encaram e vivenciam de modo distinto. Assim, por exemplo a boa morte para um grego antigo é diferente da boa morte para um cristão medieval ou um chinês da antiguidade. Assim sendo, varia no tempo e no espaço o modo como a morte é encarada. Varia a boa idade e as circunstâncias ideais para uma boa morte. Varia também o modo como o moribundo deve ser tratado bem como as ações que ele deve praticar no processo de morrer.

Neste sentido, assim concebendo a morte, a matéria prima deste artigo é uma arte cristã de morrer lançado em Portugal no ano 1627.

A pesquisa tem como objetivo geral caracterizar a arte do bem morrer cristã tal como, formulada pelo jesuíta Estevam de Castro na obra o **Breve Aparelho** e modo fácil para ajudar a bem morrer um cristão, com a recopilção da matéria de testamentos, e penitência, várias orações devotas, tiradas da Escritura Sagrada, e do Ritual Romano de N. S. P. Paulo V, publicado em Lisboa por Mattheus Pinheiro em 1627.

Seus objetivos específicos são: a) Listar e explicar as ações ou ritos que devem ser realizados pelo moribundo no processo de bem morrer; b) Elucidar o papel do moribundo, do sacerdote, dos assistentes e também de Deus, do diabo, da virgem Maria, dos Anjos e dos Santos. Assim sendo, nossa pesquisa gira em torno da seguinte problemática: Como o autor concebe a morte, que ações deve realizar o moribundo, qual o papel do sacerdote, dos familiares e das entidades celestes no processo de preparação do moribundo para a morte, que etapas se pode distinguir no processo de bem morrer?

Nossa pesquisa enquadra-se no âmbito da chamada história cultural, tal como praticada por Roger Chartier. Na abordagem, utilizaremos os conceitos de representação, tal

como concebido Chartier. Para ele Representação é o modo como as pessoas concebem o mundo, as práticas e as ideias que as cercam. Ainda, segundo Chartier a representação apresenta algumas características: a primeira delas, é de que se trata de um fenômeno coletivo; a segunda é que tem suas particularidades (são próprias de cada grupo social e variam de época para época), um último traço é que ela possui uma dimensão política, isto é uma arma de luta usada por diferentes grupos. Assim sendo, as representações expressam interesses sociais em conflito.

Quanto a metodologia, tentaremos realizar uma leitura indiciária proposta e praticada por Carlo Ginzburg. Esse modelo proposto consiste no estudo e a análise dos fatos através dos “sinais” deixados, dos fragmentos encontrados. Em largos traços é um modelo que tem como base uma análise mais profunda e analítica dos “rastros” do passado.

A partir do paradigma indiciário, Ginzburg introduz uma nova forma de fazer História. Uma história mais profunda que se debruça nas fontes e documentos. Uma abordagem que não negligência os fenômenos considerados “marginais”.

A partir do modelo indiciário, é possível ao historiador uma análise de casos bem delimitados o que ajuda a ter uma maior compreensão sobre determinado fato ou determinada época. Abandonando a abordagem macro, a abordagem indiciária atenta uma nova análise a partir de novos meios de se fazer história e de pesquisar o passado. Com um trabalho minucioso e revelador, a confiança com que adentra em campos supostamente alheios – resulta em histórias interessantes que extrapolam o simples relato.

Em linhas gerais, com essa nova abordagem Carlo Ginzburg abre a possibilidade de novas interpretações sobre os mesmo fatos e objetos de estudos. Analisando não apenas as obras e os documentos, mas também o contexto social que viviam as pessoas vinculadas aos fatos e objetos que são usados na sua pesquisa. O que o mesmo chama de “dados complementares”. Em suma, o paradigma indiciário se dedica a uma profunda exploração das fontes, utilizando os artifícios da narrativa, mas também da descrição etnográfica o que possibilita a reconstrução de trajetórias e das relações sociais.

Na historiografia sobre a morte, destacam-se os trabalhos de Phelippe Arès, Jean Pierre Vernant e, no Brasil de João Jose Reis.

Philippe Ariès na sua obra **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos tempos**, analisa as reações e atitudes diante da morte na cultura cristã ocidental, entre meados do século XI ao século XX. Ao fazer essa análise, o autor nota o aparecimento de novas atitudes diante da morte, de acordo com o seu período histórico. Ou seja, a visão sobre a morte varia no tempo e no espaço.

Phillipe Ariés, divide a obra em duas parte. Na Primeira parte, ele estuda “as atitudes diante da morte”, na Segunda Parte, os “Itinerários”.

Na primeira parte da obra, Ariés aborda quatro tipos de morte. São elas: a morte domada; a morte de si mesmo; a morte do outro e a morte interdita. Já a segunda parte, onde ele estuda os Itinerários (1966-1975), é dividida em doze subtítulos: riqueza e pobreza diante da morte na Idade Média; Huizinga e os temas macabros; o tema da morte em *Le Chemin de paradis*, de Maurras; os milagres dos mortos; do moderno sentimento de família nos testamentos e nos túmulos; contribuição ao estudo do culto dos mortos na época contemporânea; a vida é a morte para os francês da atualidade; a morte invertida: a mudança das atitudes diante da morte nas sociedades ocidentais; o doente, a família e o médico; *time for dying*; *the dying patient* e por último, inconsciente coletivo e ideias claras. Nesta segunda parte, o autor focaliza o seu estudo no cerimonial de partida e os rituais relativos a morte.

Em largos traços, a obra trata das atitudes que o moribundo apresenta diante da morte e como o sentido da morte muda de acordo com o tempo e espaço. Seja no âmbito social ou cultural.

Em uma segunda obra, intitulada **O homem diante da morte**, Philippe Ariès estuda os tipos de comportamento humano diante da morte durante o último milênio nas sociedades ocidentais. Na abordagem, o autor adota uma perspectiva interdisciplinar, isto é, histórica, sociológica e psicológica. Utiliza como fonte textos literários, inscrições em lapides, diários e obras de artes.

Nesta parte da obra o autor contrapõe a morte “domesticada” da sociedade cristã medieval e à “morte repelida”, das sociedades Contemporâneas.

Conforme ele, no modelo medieval de morrer, o indivíduo encara a morte como membro de uma comunidade, nele a morte é vista como uma espécie de sono. Acredita-se que a alma sobrevive a morte do indivíduo.

No modelo moderno, que vai do século XVI aos nossos dias, a morte, até então domesticada e contida, é liberada, retorna ao estado de selvageria e passa a provocar fascínio e medo. É somente no século XVIII, segundo Airiès, que a morte adquire um sentido dramático e passa a ser encarada como transgressão, por “roubar” o homem de seu cotidiano e de sua família.

Por fim, nos séculos seguintes, a morte se transforma, aos poucos, em tabu. Sua proximidade passa a ser ocultada do moribundo. Essa tendência de tabuização da morte tem outro marco nos anos 30, quando a morte passam a ocorrer em hospitais e não mais na casa do moribundo.

Jean Pierre Vernant, por sua vez estuda a boa morte na Grécia Antiga. O autor utiliza como exemplo, a morte de Aquiles tal como retratada na Ilíada do poeta da Grécia Antiga, Homero. Vernant, observa que naquele contexto a boa morte apresenta algumas características: o contexto da morte é o combate; a morte em combate era sinônimo de honra e virilidade, é o que diferenciava um homem comum de um guerreiro. Assim sendo, morrer em combate é ter uma “bela morte” ou uma boa morte. Não havia vergonha em morrer em guerra, contanto que seja defendendo seus valores e sua honra.

Segundo Vernant, na obra Ilíada, Aquiles aceitou o seu destino em busca de vingança contra aquele que matou seu valoroso amigo Pátroclo. Ou seja, a morte pela honra será sempre uma morte bela e virtuosa. É a coragem e a morte por combate que são honradas e dignas de virarem cantigas e histórias que perpetuarão no tempo.

No campo historiográfico brasileiro, temos João José Reis, na sua obra, **A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**, ele aborda os eventos e os ritos que acompanham o processo de morrer. Ou seja, o autor vai ressaltar alguns elementos festivos que acompanham essa passagem de morrer, delimitando sua análise no século XIX.

Em 1836, uma multidão destruiu o cemitério do Campo Santo em Salvador, dias depois do mesmo ser construído. Esse alarde aconteceu pelo fato de que até aquele momento, as pessoas eram enterradas nas igrejas, local considerado essencial para a “salvação” das almas. Esse episódio, ficou conhecido como “A Revolta da Cemiterada”. Na referida obra, o autor usa como fontes, documentos e relatos da época, todo o estudo da obra é feito na região da Bahia.

Em suma, João José Reis, analisa o imaginário cultural e religioso em relação à morte no século XIX e suas variadas formas e abordagens.

2- A OBRA

O BREVE APARELHO é formado de seis partes, na nomenclatura do autor, graus.

A primeira parte, o autor aborda o surgimento da doença e a consciência do enfermo de que morrerá em breve (Testamento e confissão).

Sobre o testamento, o autor, alerta que este só pode ser feito quando o sacerdote achar necessário fazê-lo e que o sacerdote ficará responsável por mostrar como se faz um testamento.

O autor expõe treze advertências que serão necessárias seguir para se fazer um testamento. Vejamos quais são elas:

Logo na primeira advertência, o autor, aconselha que o testador entregue o testamento ao tabelião diante das testemunhas. O tabelião por sua vez perguntará ao enfermo se aquele é o seu testamento. Se a resposta for positiva, em meio as testemunhas, aprovará o testamento.

Na segunda advertência, o autor informa que não é permitido ao herdeiro ou pessoa cativa a função de escrever o testamento em nome do testador. Mesmo que o testamento carregue a sua assinatura. Além disso, o autor ressalva a importância de não rabiscar o testamento. Se por ventura vier a acontecer, o testamento poderá ser anulado.

Na terceira advertência, o autor adverte sobre a interferência e influência de terceiros na elaboração do testamento. Além disso, aconselha ao testador o pagamento de todas as suas dívidas enquanto ainda possui vida.

Seguindo adiante, a quarta advertência vai tratar das substituições das pessoas as quais os bens ou legados serão destinados. O testador deixará claro no seu testamento o que deve ser feito com sua herança e legado caso o seu herdeiro ou pessoa na qual destinou os seus bens morra. Vale ressaltar que a vontade do testador deve ser sempre respeitada. Nessa fase, o autor vai tratar de outros 3 tipos de “substituições”. A substituição pupilar, a exemplar e por último a substituição militar.

A quinta advertência menciona alguns cuidados para que o testamento não seja anulado. São eles: a designação de herdeiro legítimo e certo; a realização das formalidades necessárias; a menção aos herdeiros que poderão nascer após a sua morte e legação de todos os seus bens.

Na sexta advertência, o autor apresenta duas formas de testamentos. O cerrado e o aberto. O cerrado, só pode ser feito, de forma escrita e em segredo sem que as testemunhas saibam o que nele contém. Ele pode ser feito pela mão do testador, do escrivão e por pessoa pública ou particular. Sendo que esse tipo de testamento deve ser entregue ao tabelião na presença das testemunhas. Estas, juntamente com o tabelião deverão assinar o testamento, mesmo não sabendo do que se trata. Já o testamento aberto, não é escrito. É lido perante as testemunhas.

Na sétima advertência, o autor, pede que seja feito um codicilo. Este, serve para o testador expor alguns desejos e pedidos que não foram explicitados no testamento. Além disso, durante essa advertência o autor explica a diferença entre codicilo e testamento. Sendo que o testamento seria uma forma direta de expor suas vontades e desejos. Já o codicilo, uma forma indireta, onde o testador pode pôr algumas observações e substituições no testamento.

A oitava advertência, vai tratar da importância das testemunhas para a aprovação do testamento. Estevam de Castro adverte que o testamento pode ser anulado por falta de testemunhas ou por insuficiente solenidade.

Sobre a nona advertência, o autor, informa que é de suma importância e de um ato “louvável” a fabricação de alguma cédula pelo moribundo antes da sua morte. Porém, isso não chega a ser uma obrigação. Mas trata-se de um ato de consciência. Se fazendo necessário apenas para àqueles que sentem que carregam o peso da culpa. Seja por ter causado danos a alguém ou por ter sido inconveniente com terceiros.

Seguindo-se, na décima advertência o autor vai explicar quais são as pessoas que podem fazer um testamento e quais não podem assumir esse encargo. Segundo o autor, todos àqueles que fazem uso da razão podem testar, a menos que estejam proibidos por direito. Tomamos como exemplo, os surdos, os doidos, os escravos e os condenados a morte. Entre outros.

Durante a décima primeira advertência, Estevam de Castro adverte sobre quais pessoas irão assumir o papel de herdeiros e o que é obrigado a deixar para estes. O autor, diz

que o testador tem a obrigação de deixar 2/3 da sua fazenda para seus herdeiros e a terça parte pode ser distribuída livremente. Na falta de herdeiros, o testador, pode deixar toda a sua fazenda para quem a sua consciência permitir.

Na decima segunda advertência, o autor explica quais são os filhos ilegítimos que podem entrar no testamento como herdeiros e quais não possuem esse direito. Segundo Estevam de Castro, existem dois tipos de filho ilegítimos: os naturais e os espúrios. Os naturais, são filhos de pais que podiam se casar sem que nada os impedissem. Já os espúrios, são os filhos que nasceram de pais que por algum motivo se encontravam impossibilitados ou impedidos de se casarem. Tomamos como exemplo os filhos que nascem por causa de adultério.

Por fim, na decima terceira advertência, o autor explana o que pode ser deixado para os filhos ilegítimos, seguindo-se algumas ressalvas. Segundo Estevam de Castro, quando os filhos não conseguem ganhar o suficiente para sustentar a si próprio, o pai é obrigado a sustenta-los. Deixando tudo que seja necessário para a sua sobrevivência. Ou seja, alimentação, estudos, habitação e até mesmo um dote. Seja eles filhos ilegítimos naturais ou espúrios.

A mãe por sua vez, não possui nenhuma obrigação a não ser quando esta amamentando. Em suma, toda a responsabilidade de fornecer o necessário para os filhos é do pai. E na falta deste, essa responsabilidade é assumida pela mãe. E na falta desta, pelos avós.

Após as 13 advertências que devem ser seguidas na fabricação do testamento, o autor exemplifica qual é o modelo de testamento e o que este deve conter. Vejamos em largos traços o que deve ser mencionado no testamento: onde o morto deve ser sepultado; detalhes sobre seus bens; e o que vai deixar para seus herdeiros. Além disso, o moribundo deve deixar claro no testamento, quem vai herdar e quais são os seus legados.

O testamento deve ser fabricado com base nas advertências mencionadas anteriormente. Durante esse processo, o testamento, assume uma outra função, a de aliviar a consciência do moribundo. Levando sempre em consideração, que o testamento carrega as últimas vontades do enfermo.

Em um outro momento, Estevam de Castro explica como deve ser aplicado o Santíssimo Sacramento ao enfermo. Segundo o autor, esse processo só poderá ser feito após a confissão por parte do moribundo. Além disso, ele recomenda algumas orações que devem ser

feitas pelos assistentes em nome do moribundo. Tal ato, deve ser feito com desejo e devoção pois servirá como remédio para os males.

Quanto a confissão, o autor chama atenção para alguns aspectos. Vejamos algumas observações sobre esse ato.

Primeiramente, a confissão é um ato voluntário. E que deve ser feita com devoção e fervor pelo moribundo. Nesse processo de bem morrer a confissão é de extrema importância, pois serve como porta de entrada para a salvação do enfermo que teme que morrerá.

A confissão, também serve para que o enfermo possa limpar sua consciência antes que à perca. Esvaziando da sua mente todos os males que ocasionou enquanto estava com saúde. Assim sendo, a confissão serve como exame de consciência.

Segundo o autor, é durante a confissão que o enfermo deve relatar todos os seus pecados. Ou todos aqueles que sua mente recordar. Não deixando nenhum pecado escapar propositalmente. Pois, isso pode pesar na hora da sua morte. Sendo assim, o moribundo deve está livre de qualquer tipo de culpa quando sua hora chegar.

Segundo Estevam de Castro, o ato de pecar não está somente na ação de fazer o mal. Para o autor, incitar o outro a pecar, também é um pecado. Desse modo, o autor enfatiza um sentido moral no processo de confessar. Onde o penitente deve assumir a responsabilidade sobre os seus atos.

Na arte de bem morrer um cristão, o ato de confessar pode ser dividido em duas partes. A primeira é quando o moribundo faz um relato fiel das suas culpas e dos seus pecados. Segundo o autor, esse é um processo que leva tempo. Pois, vai exigir do confessado uma boa memória para relatar a quantidade de vezes que se viu a pecar e quais foram os seus pecados. A segunda parte da confissão, na qual o penitente é responsável, é a contrição. Ou seja, trata-se do arrependimento sincero dos pecados cometidos. Após esse processo, pode-se dizer que a pessoa está contrita.

Em um outro momento, Estevam de Castro expõe alguns questionamentos que devem ser feitos para confessar um Herege convertido. Vejamos, algumas perguntas contidas nesse interrogatório: Quanto tempo é herege? Quantas vezes blasfemou contra a sagrada imagem? Quantas vezes deixou de ir à missa, de jejuar e de se confessar? Essas são algumas das perguntas contidas nesse interrogatório.

No decorrer da obra, o autor fala sobre um outro tipo de interrogatório. Ele chama de “interrogatório dos sete pecados mortais”, que são: Soberba, Avareza, Luxúria, Ira, Inveja, Gula e Preguiça. Segundo o padre, se o penitente cometeu algum desses pecados ou infligiu as leis de Deus, carrega uma culpa mortal. Assim sendo, está cometendo um pecado mortal. Em um outro momento do **Breve Aparelho**, o autor vai falar sobre os pecados veniais. Que são aqueles pecados considerados “leves” e que podem ser perdoados através da penitência. Vejamos alguns exemplos de pecado venial contido na obra: Se fez juras e não cumpriu, se mentiu para favorecer alguém e se quebrou algum voto ou juramento.

A segunda parte da obra focaliza o agravamento da doença. Nessa parte, o autor recomenda que o doente restaure a sua fé caso ela esteja fraca. Recomenda ainda, que o doente seja assistido por um sacerdote e que recite um conjunto de orações.

Na terceira parte o autor, recomenda que o enfermo faça um rigoroso exame de consciência. E que continue sendo assistido por um sacerdote e familiares (que podem ser assistentes ou os próprio familiares do doente).

Na quarta parte, o autor apresenta algumas preces e orações que os assistentes devem recitar quando enfermo começa a agonizar. São elas: As orações do Padre Eterno, do Deus filho, do Espírito Santo, da Santíssima Trindade, da Virgem Maria Nossa Senhora e de todos os Santos. Tais orações visam defender o moribundo contra os ataques dos demônios.

Na quinta parte – ou grau – o autor recomenda que o sacerdote juntamente com os assistentes do moribundo recitem algumas orações dialogadas, tais como o responsório de S. Leão Papa e a Paixão de São João. Essas orações, conforme o autor fala, tem como finalidade consolar e aliviar os que assistem o doente e também para afastar dele os demônios.

A sexta e última parte do **Breve Aparelho**, vai falar sobre os cuidados finais que se deve ter com o moribundo. O Padre Estevam de Castro recomenda que os assistentes recitem um conjunto de preces. Estas deverão ser ditas ao moribundo antes que ele morra.

3- OS PERSONAGENS NO TEATRO DO BEM MORRER: O MORIBUNDO, O SACERDOTE, OS ASSISTENTES, DEUS, O DIABO, A VIRGEM MARIA, OS ANJOS E OS SANTOS.

No teatro do bem morrer, alguns personagens se destacam, são ele: o moribundo, o sacerdote, a assistência, Deus, o Diabo, a Virgem Maria, os Anjos e os Santos.

3.1 Começemos pelo moribundo, o protagonista.

O moribundo é o protagonista da arte de bem morrer um cristão. Sem ele a obra perde sua finalidade. É para este personagem, que é direcionado esse “manual”.

No *Breve Aparelho*, o moribundo é apresentado como pecador, miserável que não merece as benções divinas, mas que, por meio de orações e outras práticas poderá obtê-las. Em uma das orações que devem ser rezadas pelo moribundo, ele diz:

“Eu pecador miserável não sou digno de perdão” (p. 163v) Em uma outra ele declara: “[...] Quem sou eu triste, miserável, um baixo pecador? Confessarei Senhor que sou, e haverá de ter misericórdia de mim. [...] Eu ofendi muitas vezes meu Deus, recebendo de suas mãos infinitos bens. [...] E assim, diante deste Senhor todo poderoso, diante do céu e da terra, diante dos que estão presentes, conheço e confesso meus pecados” (p. 168)

Assim, o enfermo é apresentado na obra como um ser que viveu praticando todo tipo de pecado: avareza cobiça, luxuria, gula, preguiça etc. E que por isso precisa se redimir e obter a graça divina. No decorrer do manual, Estevam de Castro recomenda que o enfermo se humilhe diante da divina bondade e reconheça suas culpas, ele diz:

“Em mim não tenho outra coisa senão soberba, avareza, cobiça, [...] luxuria em pensamentos, desejos e palavras pouco honestas, [...] gula, quando em dias de jejum, comi e bebi em demasia, sem considerar os dias santos e sagrados [...] e preguiça, negligente em bem obrar, com outras muitas culpas, que procedem da negligência, e bens que se perdem, gastando tempo de minha vida em coisas que me prejudicarão na minha salvação, deixando de empregar no que importa, ao bem de minha alma.” (p. 169 - 169v)

Por outro lado, o manual mostra o moribundo como alguém em busca de redenção. O perdão de Deus. Para isso, ele utiliza os meios convenientes. Isto é, orações, pedidos de intercessão da Virgem Maria e dos Santos ou até mesmo invocações de clemência ao próprio Deus. Lê-se em nome do enfermo os assistentes: “Ô Pai meu de alta clemência: que não me deixou consumir no abismo do inferno quando pequei contra vós, meu criador” (p. 164)

Em largos traços, o **Breve Aparelho**, retrata o moribundo como alguém em busca da salvação da sua alma. Esta salvação depende do reparo das ações pecadoras por meio das orações.

3.2 O Sacerdote é um outro personagem no teatro do bem morrer cristão. Segundo o autor do **Breve Aparelho**, o sacerdote exerce neste processo algumas atribuições.

As principais atribuições do sacerdote, segundo o manual, é preparar o doente para sua morte, consolando o moribundo quando este estiver aflito e ouvindo a sua confissão.

Umas das imputações do sacerdote é de consolar o doente, quando percebe que o moribundo pode morrer. Para isso, diz o sacerdote ao doente: “[...] E anime-se e esforce-se, espere no senhor que há de sair vencedor e vitorioso. [...] Ainda que pareça que está só, não está, se não com muita guarda, muito favorecido e acompanhado” (p. 2 - 2v)

Observa-se, que segundo o autor do **Breve Aparelho**, cabe ao sacerdote o papel de consolar o moribundo, lembrando-lhe da guarda e da proteção divina. Sendo assim, fica a cargo do sacerdote, o de amparar o moribundo. Sobre isso, diz Estevam de Castro: “Porque ordinariamente os doentes [...], estão afligidos, e com dores, e tem necessidade que o confessor os ajude, e alivie.” (p. 8v)

Quanto a função do sacerdote de ouvir a confissão do moribundo, segundo o **Breve Aparelho**, esta deve ocorrer após o sacerdote saber quanto o estado final do enfermo e de o ter consolado. Assim sendo, o sacerdote é a figura responsável por ouvir o sacramento que enquanto tal é um ato voluntário. Sobre o caráter voluntário da confissão, diz Estevam de Castro, que o sacerdote não pode de nenhum modo obrigar o moribundo a se confessar. No entanto, ele deve revelar ao moribundo que: “na confissão Deus perdoa a culpa e alivia a pena” (p. 5v)

Neste mesmo passo da obra, o autor deixa claro que o confessor deve saber “o necessário para seu ofício”, já que ele assumirá o papel de juiz na hora de aplicar a penitência. Segundo o padre Estevam de Castro, o confessor deve possuir alguns predicados: saber distinguir os pecados mortais dos veniais, e os casos nos quais são aplicáveis a pena da excomunhão, também deve saber os pecados ordinários próprio de cada estado, entre outros. Além disso, o autor recomenda que todo confessor tenha em mãos uma Bulla da Cea. Ou seja, uma bula do Papa Clemente VIII (datada do ano de 1602 – que teve como finalidade a propagação da fé). Recomenda que o sacerdote utilize esse documento para questionar o enfermo confessante.

Segundo Estevam de Castro, o confessor além de ter *sciência* (conhecimento teológico ou doutrinário), deve também possuir *jurisdição actual*, através do encargo de “Cura das almas”. O autor também adverte que [...] para administrar o sacramento, o confessor, deve estar em graça. (p. 11). Isto é, sem pecado grave.

Sobre o ato da penitência imposta ao moribundo pelo confessor, o autor orienta que este, atribua penitências possíveis de serem realizadas pelo penitente. Ou seja, uma penitência justa e que esteja dentro das limitações do penitente. Por conta disso, o confessor que assim

não procede, incorre um pecado mortal pecando mortalmente, pois deixa algo imperfeito no sacramento.

Outra atribuição do sacerdote na trajetória do bem morrer de um cristão é acompanhar as preces e orações ditas pelos assistentes. É o sacerdote que indica quais orações e preces devem ser ditas e como devem ser ditas.

Em linhas gerais, o sacerdote é o responsável pelo uso do **Breve Aparelho**, ficando a sua disposição e analise a necessidade de utilizar esse aparelho ou não. Segundo o autor, o uso desse manual depende do “grau” que o doente se encontra. Pois, se o grau da doença for leve, rezar muito é o suficiente. Por outro lado, caso o moribundo esteja em um grau avançado, esse aparelho se faz necessário.

3.3 Além do sacerdote, outra figura importante no processo de bem morrer cristão, são os assistentes. Basicamente eles exercem duas funções: A primeira é testemunhar na autenticação do testamento. A segunda recitar as orações na companhia do sacerdote.

Sobre o ato de testemunhar o testamento exercido pela assistência, o autor recomenda que o documento seja assinado pelo testador, pelo tabelião e pelas testemunhas. Quanto as testemunhas, diz o autor que elas devem ser do sexo masculino, maiores de quatorze anos e de condição livre ou forra. (p. 61)

Os assistentes são também responsáveis pela recitação de algumas preces e orações em nome do enfermo. [...] A pessoa que o assiste o guiará para o caminho da salvação, perguntando-lhe se quer que em seu nome faça protestaçoão” (p.153)

O papel dos assistentes se torna evidente, durante a terceira fase do bem morrer. Nesta fase, eles juntamente com o sacerdote, recitam orações e preces em nome do enfermo.

Nestas preces, os assistentes, pedem, em nome do moribundo a misericórdia de Deus enaltecendo a sua graça. Uma delas, diz:

“[...] está ratificação e protestaçoão de minha fê, faço agora com o meu pensamento, com toda a alma e coração, (porque com a boca não posso, que faça em meu nome) assim com tal deliberação, força e animo a faço. [...] E esta confissão, protestaçoão, retificação e intenção que agora faço e em meu nome se faz, quero que seja firme e valha para sempre. Nisto, mil vezes mais me retifico, afirmo e confirmo com toda a alma, coração e vontade”. (p. 166, 166v)

Vejamos uma outra passagem da obra na qual fica evidente a importância dos assistentes no processo de bem morrer um cristão:

“E rogo a todos os presentes que me veem, e ouvem em meu nome está protestação da fé, que sejam testemunhas desta minha confissão e roguem a Deus Nosso Senhor, que nela me confirme”. (p. 167v)

As orações dos assistentes servem como escudo que rebatem as tentações dos demônios.

Segundo o autor, as preces e orações recitados pelos assistentes, devem ser ditas com devoção e fervor. Elas têm como finalidade aliviar, consolar e defender o doente dos ataques dos demônios. (p. 228v)

Em largos traços, estes são os papeis dos assistentes.

3.4 Um outro personagem muito importante presente na pragmática da boa morte cristã, é Deus. Ele é apresentado, sobretudo, como um ser misericordioso. Vejamos alguns fragmentos que deixam isso evidente.

Assim, dizem os assistentes ao doente numa das orações contidas na obra: “[...] tenha confiança que as penas e culpas Deus Nosso Senhor perdoará. [...] Encomenda a Deus com inteira fé. Ele que é onipotente, bom e sábio.” (p. 152, 152v)

Outro exemplo do Deus misericordioso, vê-se na “Oração a Deus nosso Senhor”. Nela o moribundo, falando através dos assistentes, diz, “Antes conheço que sou digno de condenação eterna por meus pecados, porém, conheço também serem muito maiores vossas misericórdias” (p. 172v) ou declara: “A vós altíssimo pai celestial, que me fizeste do nada e me enchestes de bens divinos e humanos, usai comigo de grandes misericórdias por vossa infinita bondade”. (p. 164v)

Num outro passo da obra, os assistentes invocam a misericórdia divina tendo em vista aliviar os sofrimentos do enfermo. Dizem eles: “Deus [...] que os horríveis tormentos do purgatório por sua misericórdia lhe sejam comutados na presente aflição” (p. 151v)

Na Oração ao Padre Eterno, dizem os assistentes: “[...] magnifico em vossa magnitude. Liberalíssimo em vossa bondade e misericórdia. [...] Ouso pedir não a saúde corporal, mas espiritual, perdão de todos os meus pecados.” (p. 173v). Na oração da Virgem Maria Senhora Nossa também é possível encontrar essa invocação ao Deus misericordioso. Dizem os assistentes: “[...] receba esta alma pecadora debaixo do vosso amparo e fazei como vosso misericordioso filho, que receba em seus divinos e amorosos braços na glória” (p. 177v)

Por fim, o autor pede para que os assistentes leiam algumas orações e pedidos que deverão ser direcionados ao “Pai”. Dizem os assistentes em nome do moribundo: “[...] Bem feitor meu e de todas as coisas. Todo poderoso, todo pio, todo misericordioso e brando em perdoar pecados e malícias humanas. Magnifico em toda santidade, bondade e virtude.” (p. 163 – 164v)

3.5 No decorrer do **Breve Aparelho...** a figura do demônio é também muito mencionada. Esse ser, na obra é caracterizado por alguns atributos. Ele é enganador, artiloso e tentador.

Em alguns trechos da obra, se evidencia o caráter enganador e tentador do diabo. Num deles, diz o autor, que o demônio acomete o moribundo com tentações e desespero. Outra forma do demônio atormentar o moribundo é, segundo o autor “trazendo à memória muitos pecados que cometeu, em especial alguns que não confessou por esquecimento ou não declarou bem”. (p. 124v)

O demônio, muitas vezes chamado de “o inimigo” pelo autor, se aproveita do enfraquecimento do enfermo para se apoderar do seu corpo e lhe causar males. Assim, conforme Estevam de Castro, o demônio usa de muitos meios para confundir a mente do moribundo.

Em um outro momento do **Breve Aparelho**, o autor observa que, com a proximidade da morte, o demônio se aproxima do moribundo tentando perturba-lo e vencê-lo.

Para Estevam de Castro, as tentações demoníacas somente serão neutralizadas se o moribundo estiver muito bem aparelhado seguindo as instruções do Breve Aparelho.

3.6 Um outro personagem no teatro de bem morrer de um cristão é a Virgem Maria. O autor a apresenta como misericordiosa, medianeira dos necessitados e consoladora dos aflitos.

Na “Oração a Deus Nosso Senhor” rezam os assistentes em nome do enfermo: “Virgem santíssima mãe e de todos os Santos [...] tenha misericórdia de mim pecador e salvai-me pelos merecimentos de vosso filho Jesus Cristo nosso Senhor...” (p. 172)

Em um outro trecho da obra, o autor também indica para a salvação do moribundo a recitação da “Oração à Virgem Maria Nossa Senhora”. Nela, dizem os assistentes:

“Ô Santíssima Maria, Virgem soberana, filha do eterno Padre, mãe do Filho de Deus e esposa do Espírito Santo, rainha dos anjos e singular advogada dos pecadores. Ô

remédio e socorro dos necessitados, refrigério, e consolação dos atribulados, verdadeira guia dos errados [...] socorrei-me nesta hora de tanta necessidade”. (p. 176 – 176v)

Ao longo do **Breve Aparelho**, A Virgem Maria é apresentada como mãe dos necessitados e guia das almas perdidas. Desta forma, na “Oração a Deus Nosso Senhor” dizem os assistentes: “Recebei esta alma pecadora debaixo do vosso amparo e fazei como fez com vosso misericordioso filho”. (p. 177v)

Durante a obra, a Virgem Maria é o ser mais invocado pelos assistentes. Ela é invocada, sobretudo nas três últimas etapas do processo da morte cristã.

3.7 Os anjos também figuram como personagem importante no teatro do bem morrer cristão. Assim como a Virgem Maria, eles também são representados como guia dos necessitados. Desta forma, na “Oração ao Anjo da guarda”, proferem os assistentes em nome do moribundo: “[...] Servindo-me com tanto amor, cuidado e diligência, procurando-me o necessário para o corpo e para a alma. Quantas vezes indo errado me encaminhastes e tornaste ao caminho de minha salvação” (p. 78v)

A “Oração ao Anjo da guarda”, segundo o autor, deve ser dita pelos assistentes do enfermo com devoção e fervor. No decorrer do **Breve Aparelho**, os anjos são caracterizados como figuras que acompanham os indivíduos desde o seu nascimento, livrando-os dos males e perigos que podem atingi-los. Dizem os assistentes em nome do moribundo: “[...] muitas graças vos dou que me livrastes de todos os perigos e tanto tempo tivestes especial cuidado de mim. Administrando-me e servindo-me com tanto amor e cuidado” (p. 178v)

A visão dos anjos como “guia” das almas perdidas, tem sua expressão maior na “Oração ao Anjo da guarda”. Nela, dizem os assistentes: “[...] Pois tanto tempo me acompanhas-te, agora que tenho mais necessidades de vossa companhia santa, não me desempareis. Pois na vida me procuras-te a salvação, agora na morte não me deixeis perder” (p. 178 – 178v)

Em suma, os anjos são apresentados no Breve aparelho, como responsáveis pelo bem-estar do bom cristão, seja em vida ou depois da sua morte. Eles os servem sobre tudo como “guia” para a salvação.

3.8 No transcorrer do **Breve Aparelho**, os Santos figuram como acompanhantes do moribundo em seus momentos finais e também como intercessores em favor do cristão. Assim, invocam os assistentes em nome do moribundo na “Oração a Todos os Santos”: “[...]”

Senhor, ouça a mim vil pecador, servo vosso, que diante de vós peço ajuda e favor nesta última hora e levai-me a companhia celestial”. (p. 179v)

Na obra, os Santos também são caracterizadas pelo autor como criaturas que intercedem em favor do enfermo. Sobre isso, recomenda o Breve Aparelho ao moribundo que ele “[...] rogue aos santos que sejam seus intercessores diante desse mesmo Deus por sua saúde. E muito mais pela saúde da alma, que pela do corpo” (p. 152v)

Em largos traços, no **Breve Aparelho**, os Santos são figuras indispensáveis no processo de bem morrer um cristão.

4- A VISÃO DA MORTE EXPRESSA PELO BREVE

Ao longo da obra, o autor deixa entrever a sua concepção da morte. Ela pode ser descrita como sendo fundamentalmente uma passagem e um grande risco ou uma suprema chance.

A visão da morte como passagem é notada em diversos passos da obra. Um deles ocorre quando o autor aborda as orações que devem ser rezadas pela assistência em nome do moribundo. Nesta ocasião os assistentes do enfermo devem rezar a “Oração do Espírito Santo”, que diz: “Vossa presença divina me acompanhe agora. Vossa amorosa graça me valha, com vosso amor me abrace e inflame para que possa passar este trabalho, esta agonia e morte. (p. 175v)

Essa “passagem” entre terra e céu ou vida e morte, também é vista por Estevam de Castro como uma jornada, através da qual o espírito deve passar. E para que isso ocorra muitas orações e preces são necessárias, pois se trata de uma passagem perigosa, onde tudo se pode ganhar ou tudo se pode perder.

Alguns trechos da obra, também evidenciam a visão do autor da morte como um risco.

Um deles, ocorre na “Oração à Virgem Maria Senhora nossa”, recomendada pelo autor. Nela a assistência em nome do moribundo, invoca: “[...] guia-me nesta trabalhosa e perigosa jornada”. Continua os assistentes na “Oração a todos os Santos”: “Socorrei-me nesta última hora da minha necessidade.” (p.179)

Um outro passo, ocorre quando autor comenta os instantes finais do moribundo: “É no último momento de vida do enfermo que se pode ganhar bens eternos ou perde-los” (p. 227v)

A ideia do momento da morte como um grande risco, volta a comparecer num outro trecho da obra. Nela o autor recomenda: “Orem pelo que morre, porque este passo da agonia é espantoso. É onde os inimigos de nossas almas põem todas as suas forças.” (p. 228v)

Em largos traços, para o autor do **Breve Aparelho**, a morte é um momento grave. Nele o moribundo tanto pode conseguir os bens eternos, quanto perde-los. O risco é deixar-se levar pelas tentações demoníacas. Nesse caso, as orações servem como proteção contra essas “forças invisíveis” que muito afligem a mente do moribundo que está à beira da morte.

5- CONCLUSÃO

O exame até aqui realizado, nos leva a algumas conclusões:

A realização da confissão e a elaboração do testamento são as práticas primordiais para o bem morrer de um cristão, segundo o **Breve Aparelho**. Assim sendo, a confissão deve ser realizada pelo confessor de modo cuidadoso. O testamento por sua vez, deve ser elaborado com bastante cuidado, para que sejam cumpridos os preceitos legais necessários.

Outro aspecto, revelado pelo exame do **Breve Aparelho** diz respeito aos personagens envolvidos no teatro do bem morrer cristão. Nesse drama, atuam como personagens: o moribundo, o sacerdote, os assistentes, deus, o diabo, a virgem Maria, os anjos e os santos. A cada um destes, cabe um papel específico.

A análise da obra, também mostrou a importância da recitação das orações. Elas devem ser recitadas, pelos sacerdotes, pelo moribundo e pelos demais assistentes. Também é notado, a variedade das orações e a diversidade de situações nas quais elas devem ser recitadas.

Por fim, a análise também mostrou o modo como autor apresenta a morte: como uma passagem decisiva para o inferno, purgatório ou o céu.

6- REFERÊNCIAS

5.1 Fonte

Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um cristão, com a recopilação da matéria de testamentos, e penitência, várias orações devotas, tiradas da Escritura Sagrada, e do Ritual Romano de N. S. P. Paulo V, do Padre jesuíta Estevam de Castro, publicado em Lisboa por Mattheus Pinheiro em 1627.

5.2 Estudos

PHILIPPE, Ariès. *O Homem diante da Morte*. 1 ed. São Paulo: Unespe, 2014.

VERNANT, Jean Pierre. "A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado". Tradução, Elisa A. Kossovitch e João. A. Hansen. **Discursos**, São Paulo, Editora Ciências Humanas, n. 9. 1978, p.31-62.

REIS, João José. *A morte é uma festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p. (Col. "Memória e Sociedade").

RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: Secularização da Morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

VOLVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o Trabalho de Luto*. São Paulo: Unesp, 2010.

PHILIPPE, Ariès. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003

BARROS, José D'Assunção. "A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier" **Revista Diálogos**, Maringá. (p. 125-141) UEM, v. 9. nº 1, 2005.

GINZBURG, Carlo 2011: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras.